

# Mais prazer na vida!

Quando as pessoas se candidatam a uma vaga de emprego numa empresa, não são apenas suas habilidades que são questionadas. Líderes de RH inteligentes preferem perguntar: “Pelo que você é apaixonado?” Hoje, muitos empresários se queixam de que os jovens não trazem mais paixão consigo. Eles só perguntam sobre o salário, os dias de férias e a carga horária. No entanto, se eu não tenho um fogo interior por meu trabalho, ele se tornará rapidamente um fardo para mim. Como não tenho paixão por uma tarefa específica ou pelo serviço prestado a outras pessoas, me falta energia para realizá-los. Então, enquanto estou no trabalho, já fico ansioso pelo fim do expediente. Quando sentimos isso, estamos, na verdade, perdendo tempo. O tempo de trabalho só se torna tempo bem aproveitado quando temos paixão pelo que fazemos. Nesse caso, o próprio trabalho se transforma em prazer de viver.

Todavia, não é que não exista esse fogo, pois muitas pessoas se empolgam facilmente com algo. Durante uma entrevista de emprego, elas falam sobre o quanto são apaixonadas pelas tarefas e pelos objetivos da empresa. Mas, após curto período, quando a rotina se instala, descobre-se que essa paixão foi apenas um fogo de palha, que se apaga rapidamente. E, no fim, resta apenas cinza. A paixão precisa ser alimentada. Pre-

cisa de “combustível” e de oxigênio, de amplidão, para que o fogo não pare de arder. A paixão deve ser nutrida de dentro para fora, a partir dos nossos recursos internos, como também precisa de disciplina para ser mantida viva, para que arda por longo tempo.

Quando falamos sobre o tema da paixão, frequentemente ouvimos queixas: muitas pessoas não têm essa característica hoje em dia. Políticos, atletas, já não têm paixão, eles só querem se exhibir. Mas eles não ardem por suas crenças, por sua equipe. Numa entrevista, Bastian Schweinsteiger comentou sobre a eliminação precoce da seleção alemã na Copa do Mundo no Catar, dizendo que os jogadores não “queimam” em campo; ele, pelo menos, não havia percebido isso. O treinador Hansi Flick discordou. Mas a questão é: o que faz o time queimar? O trabalho em equipe ou o desempenho individual, a exibição bem sucedida de si mesmo? É frequente constatar-mos que não são os times com os melhores jogadores individuais que ganham, mas aqueles em que todos se entregam ao trabalho em equipe.

Encontramos algo semelhante na Igreja: cristãos comprometidos reclamam que faltam aos seus padres e pastores a paixão pela mensagem cristã, que eles não demonstram paixão pelas pessoas. Fazem o seu trabalho, mas a gente não sente o fogo que poderia aquecer os outros. O mesmo se aplica aos jovens que se interessam pela vocação sacerdotal ou religiosa. Só se pode ser um bom conselheiro espiritual quando se tem o desejo de que os outros trilhem um bom caminho na vida, quando se pega fogo pela mensagem de Jesus.

Às vezes já perdemos nossa paixão. A brasa que queimava dentro de nós se apagou. Talvez já tenhamos sido ardentes em algum momento. E agora pode ser que tenhamos caído no pe-

rigo da extinção da chama, que ameaça especialmente aqueles que ardem por alguma coisa mas esquecem suas limitações internas, aqueles que veem apenas a paixão, mas ignoram a disciplina necessária para que a paixão possa ser duradoura.

O tema “paixão” tem muitas facetas. Até hoje a palavra provoca sentimentos ambíguos. Alguns pensam imediatamente que esse é um conceito próximo da noção de pecado. Quem ama apaixonadamente não tem limites, essa é a opinião de muitos. Outros associam a paixão à ideia de ser dominado por ela e ser levado a ações que contradizem a razão. Os ascetas veem na superação das paixões o objetivo de seus esforços. Por outro lado, os teólogos Johannes Bours e Franz Kamphaus estão convictos de que Deus nos ama apaixonadamente e também quer ser amado por nós com toda a paixão. É nesse sentido que eles, em seu livro *Paixão por Deus* (2010), interpretam a palavra de Jesus: “E amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, com toda a alma, com toda a mente e com todas as forças” (Mc 12,30). A palavra grega para força – *ischys* – significa a força da vontade, mas também das paixões. A paixão por Deus é a dinâmica interior de toda a vida espiritual. Nesse livro de Kamphaus e Bours, é citado um dito de Santo Agostinho a um jovem diácono:

O amor apaixonado é capaz disto: quando aqueles são tocados por nós, que falamos, e nós somos tocados por nos ouvirem, então moramos uns nos outros. E assim, o que eles ouvem falam em nós de certa forma, e nós, de alguma maneira, aprendemos neles o que ensinamos (Kamphaus, 1981, p. 181).

O amor apaixonado é capaz de atingir os candidatos ao batismo. Portanto, ele é o pressuposto para a tarefa de um conselheiro espiritual.

Muitos associam paixão a algo que nos domina, como, por exemplo, uma paixão sexual ou uma paixão por jogos de cartas. No entanto, por trás de toda grande paixão há, em última instância, o anseio de dar um sentido à vida, de direcionar a paixão para algo que a satisfaça por longo tempo. Então, ela se torna uma fonte para o caminho espiritual. Especialmente na mística judaica, como se expressa nas histórias chassídicas, é importante não cortar as paixões, mas transformá-las em força espiritual. Assim, uma história nos conta:

Um jovem entregou a Riziner um bilhete com um pedido, que Deus o ajudasse a quebrar os maus impulsos. O rabino olhou para ele sorrindo: “Você quer quebrar os impulsos? Vai quebrar as costas e o lombo, mas um impulso você não vai quebrar. Contudo, ore, estude, trabalhe com seriedade, então o mal nos seus impulsos desaparecerá por si só” (Histórias chassídicas, 453).

De modo semelhante ao que ocorre com os Padres do Deserto, não se trata de quebrar as paixões, mas transformá-las, para que o que é mau e prejudicial nelas desapareça e elas possam gerar o bem.

Em 1996, Georg Popp, fundador da editora Arena, em Würzburg, escreveu um pequeno livro intitulado: *Mehr Lust am Leben. Von den positiven Seiten unserer Leidenschaften* (Mais prazer na vida. Os lados positivos das nossas paixões). Ele defende a ideia

de redescobrirmos a pessoa apaixonada dentro de nós, em contraste com a imagem do homem perfeito e sem falhas. Pois

as paixões e os impulsos nos foram dados por Deus para que nossa vida possa se desenvolver e se cumprir. Toda vida morre onde não há mais impulsos na natureza. De igual maneira, se o ser humano não conhece mais impulsos, seu interesse pela vida se apaga, ele perde a esperança, torna-se apático e depressivo (Popp, 1996, p. 12).

Tomás de Aquino tinha uma visão semelhante. Para ele, as paixões são forças propulsoras naturais do ser humano. Elas têm “uma função necessária para que o ser humano possa se dedicar plenamente aos seus objetivos e tarefas ou evitar o mal” (Rotter, 2003, p. 783). Precisamos de paixão para a vida espiritual, mas também para a arte, a ciência. Também é importante nos engajarmos apaixonadamente por outras pessoas e pela justiça no mundo. A paixão é uma força que põe algo em movimento. É o pressuposto da ação criativa. Foi nesse sentido que o filósofo Friedrich Hegel afirmou: “Nada de grande foi realizado sem paixão, nem pode sê-lo”.

No acompanhamento de pessoas que vêm à nossa *Recollectio-Haus*, muitas vezes me assusto quando pergunto sobre a paixão delas. Algumas têm um semblante cansado. É verdade, trabalham muito, mas sem paixão. A fadiga que transparece nelas não tem a ver com a idade. Há jovens que, após poucos anos no serviço de acompanhamento espiritual, já estão cansados. Mas também acompanhei uma irmã de 76 anos que ainda estava repleta de paixão. Ela queria dividir com os outros o que havia aprendido em sua longa vida e lhes transmitir um pouco da sabedoria que ela agora, idosa, personificava.

O teólogo pastoralista Norbert Greinacher escreveu um livro intitulado *Gelassene Leidenschaft – eine heute notwendige Tugend* (Paixão serena – uma virtude necessária nos dias de hoje). Greinacher está convencido de que a paixão precisa do contraponto da serenidade, para que não se torne destrutiva, nem seja mal usada. A paixão não deve cegar, pois, caso contrário, ela tentará converter os outros à força ou convencê-los de sua própria opinião. Quem está no esforço de defender sua opinião acaba passando ao largo das pessoas. Por isso, a medida adequada e a serenidade são sempre necessárias, para que a paixão se torne uma bênção e não uma maldição. A paixão serena nos ajuda a lidar com os fracassos. Ela protege contra o fanatismo e o totalitarismo. O mestre sapiencial do Antigo Testamento Qohelet alerta contra os fanáticos da justiça. Pois há justos que perecem por causa de sua justiça. Por isso, Qohelet adverte: “Não sejas demasiado justo, nem te mostres demasiado sábio, para não te arruinares!” (Ecl 7,16). A verdadeira paixão serena permanece disposta a aprender.

Nós os autores – Padre Anselm e Hsin-Ju Wu – temos a mesma paixão de anunciar a mensagem cristã de modo que ela edifique e encoraje as pessoas, que toque seu desejo mais profundo e lhes proporcione esperança para a vida. Nós também nos dedicamos apaixonadamente à espiritualidade beneditina, porque sentimos que ela faz bem para as pessoas tanto na Alemanha quanto em Taiwan, que ela lhes dá firmeza e as ajuda a enfrentar a vida concretamente. Com este livro, nascido de muitas conversas que tivemos entre nós, gostaríamos de despertar nos leitores e leitoras a paixão que cada um certamente tem dentro de si.